



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

UMA ORDEM POLÍTICA AO CORPO: PRÁTICAS E DISCURSOS DA AUTOMUTILAÇÃO

Vinicius Lemos da Silva Reis*
(UESB)

Nilton Milanez**
(UESB)

RESUMO

Este trabalho objetiva analisar e problematizar as práticas de automutilação que circulam na internet. Os questionamentos e problematizações referentes ao trabalho serão abordados a partir das posições teóricas sobre o corpo, discurso e políticas de vida, construídos sob a luz dos postulados de Michel Foucault, dialogando com trabalhos em torno da materialidade audiovisual, tendo em vista que o *corpus* elencado como suporte para análise no artigo é composto por vídeos postados no site www.heavy-r.com que denunciam sujeitos anônimos cortando e filmando a si mesmos. Objetivamos com este trabalho evidenciar como a construção do corpo e seus discursos constituintes, estão a serviço de políticas que gerenciam a vida. Para esta tarefa, voltaremos nosso olhar, metodologicamente, para a busca por regularidades discursivas, a partir de batimentos entre as unidades do *corpus*, e verificando como os recursos, aqui compreendidas como estratégias discursivas, de produção do audiovisual podem materializar os discursos sobre o corpo e políticas de vida.

PALAVRAS-CHAVE: Automutilação; Corpo; Políticas de vida.

* Mestrando do Programa de Pós Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade da UESB. Pesquisador-Colaborador do LABEDISCO/CNPq/UESB – Laboratório de Estudos do Discurso e do Corpo. E-mail: vinicius.lsreis@gmail.com.

** Professor Titular no Departamento de Estudos Linguísticos e Literários da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Membro efetivo dos Programas de Pós-Graduação stricto sensu em “Linguística” e “Memória, Linguagem e Sociedade”, ambos na UESB. Coordenador do LABEDISCO/CNPq – Laboratório de Estudos do Discurso e do Corpo. E-mail: nilton.milanez@gmail.com.



INTRODUÇÃO

DISCURSIVISANDO A AUTOMUTILAÇÃO

Este trabalho toma como fio discursivo para orientar as discussões e análises, problematizações que se debruçam sobre práticas de automutilação, as quais tomaremos enquanto uma prática de autolesão que envolve sujeitos desdobrando sobre si e provocando lesões diretas ao corpo, sem finalidade estética. Enfatizaremos a prática em si e os discursos no e para o corpo que constituem uma política de vida para o sujeito na automutilação. Essa investida nos permitirá a possibilidade de problematizar o corpo e sua construção para a constituição do sujeito no interior de uma moldura discursiva. Assim, o nosso percurso se dará em meio da análise do sujeito e sua relação com o corpo que encarna e materializa os discursos na automutilação.

Tendo em vista a circulação e visibilidade da prática de automutilação no espaço virtual, para delimitarmos o trabalho em questão, tomaremos enquanto *corpus* de análise, vídeos encontrados no *site* de compartilhamento de vídeos na internete (www.heavy-r.com), nos quais são expostos sujeitos se filmando durante a prática da automutilação. Este site veicula conteúdos pornográficos por meio de vídeos, denunciando e sedimentando sua inscrição ao domínio da sexualidade e a uma ordem discursiva do sexual.

Vale ressaltar que apesar do aumento da prática de automutilação no espaço virtual da internete, elucidado pelo número de postagens e visualizações dos vídeos que versam sobre essa prática, há poucos estudos sobre o tema que não sejam tomados por um apoderamento do discurso psiquiátrico. Contrastando a este posicionamento teórico-médico, assim como tantos outros, não tomaremos uma posição *a priori* sobre o objeto a ser analisado, a prática de automutilação em vídeos da internete, pois o que é objetivado por esta apresentação de análises é a



configuração de outro olhar, produzindo novas composições discursivas que possibilitam a amplitude das margens e o alargamento das fronteiras teóricas acerca da construção da prática da automutilação. Além disso, trazemos para somar à problematização do trabalho, discussões sobre o audiovisual, aqui sinalizado não somente como suporte material do objeto a ser analisado, mas também como produtor estratégico que materializa os discursos (MILANEZ; BARROS-CAIRO; BRAZ, 2014) do corpo e suas políticas de vida.

De forma breve e sintética, os pilares teóricos e metodológicos que serão utilizados para analisar os vídeos que versam sobre a automutilação e compõe o *corpus* serão sustentados por postulados foucaultianos, trabalhando as noções de corpo, discurso e políticas de vida em sua obra, assim como trabalhos do Courtine e Milanez sobre corpo discursivo. Como a análise será realizada em um *corpus* composto por produções audiovisuais, tomaremos como subsídio para pensar as imagens em movimentos as problematizações de Philippe Dubois que tem contribuições no campo da fotografia, cinema e vídeo. Devo aqui salientar, que além dessas referências teóricas citadas acima, esta sustentação teórica também é acionada através das discussões realizadas pelos colaboradores e pesquisadores que compõe o LABEDISCO/UESB, o Laboratório de Estudos do Discurso e do Corpo, dos encontros e cursos que visam à discussão e elaboração de projetos que mobilizam estudos que costuram a noção de corpo e audiovisual em uma análise do discurso de perspectiva foucaultiana.

Assim, de maneira geral, os laços que realizamos entre corpo, discurso e audiovisual, fazem emergir posicionamentos para os sujeitos, proporcionando o questionamento de como os sujeitos são constituídos e elucidados na prática da automutilação em vídeos da internete, capturando e deixando vazar o corpo em sua constituição discursiva de políticas de vida. Sublinhando que as imagens tem seu valor em termos discursivos e pelas relações que elas mantêm umas com as outras (MILANEZ, 2013) e são nessas relações que o corpo pode fazer emergir os discursos que o corta.



Para que possamos guiar e orientar os meios e fins do trabalho apontaremos como objetivo a ser perseguido, analisar e problematizar como o corpo, em seus contornos discursivos, evidenciando por meio de estratégias de produção do audiovisual uma faísca dos discursos regulares materializados no *corpus* apresentado, que remete e atualiza políticas que gerenciam a vida do sujeito.

QUE CORPO É AUTOMUTILADO?

Temos um ponto essencial e que se faz muito caro pela sua relevância na proposta desse trabalho e sua compreensão, o corpo, peça chave para problematizar o quebra-cabeça emoldurado por um quadro discursivo. Nesta teia de relevância do corpo, seguiremos os indícios de Revel (2005) na reflexão que este sempre foi tomado para o investimento de poder, reforçando assim, o posicionamento de que “o poder penetrou no corpo, encontra-se exposto no próprio corpo” (FOUCAULT, 1985, p. 82). Logo, o corpo está inscrito em um jogo de ordem entre poder e saber. Pensando com Courtine (2013, p. 8) “a decifração do corpo me parece constituir a preocupação central da genealogia foucaultiana, esta articulação do corpo e da história; o corpo superfície de inscrição [...] todo impregnado de história”. É nele e sobre ele que nosso olhar é investido, porém, nos resta questionar que corpo é esse, de qual corpo estamos falando, apontando e constituindo. O que nos interessa é o corpo inscrito na história, alocado numa rede de memórias encarnada pelos sujeitos, moldando, recortando e transformando o corpo em sua discursividade.

É no corpo e sobre este que debruçamos nosso olhar para a constituição dos sujeitos que emergem do discurso que atravessa a prática da automutilação em vídeos. Porém, não é a dimensão biológica, a máquina de carne e sangue que nos interessa. O corpo deve ser tomado e escrito no campo do discurso, abrindo possibilidades para sua retomada e remodelações. O corpo, por conseguinte, é



pensado como um espaço de inscrição e emergência de discursos e tecnologias produzidas na e pela história. Um *locus* que privilegia a emergência do sujeito.

Milanez nos diz:

Não é, pois, o corpo que vive as práticas diárias e corriqueiras, autômatas, ou refletidas como andar, transar, comer, dormir ou ler [...] Para estarmos diante de um corpo discursivo não basta nos depararmos com práticas do fazer do nosso dia-a-dia. Precisamos focalizar a existência material desse objeto que denominamos corpo, em consonância com suas formas e carnes por meio da representação sob a qual o identificamos. Para tanto, precisamos considerar esse corpo do qual falamos, colocando em evidência a sua existência histórica. (MILANEZ, 2009, p. 215).

Quando nos deparamos com as imagens apresentadas nos vídeos, onde pode ser descrita com um sujeito que mutila a si mesmo, provoca uma lesão sistematizada ao corpo, em sua dimensão de invólucro biológico, podemos nos confundir que corpo deve ser olhado e assistido, então, para que não haja esse equívoco devo advertir que o corpo que faz aparição no trabalho está no campo do discurso, onde a sua existência material deve ser evidenciada pelas suas marcas históricas, a partir dessa condição, se faz necessário “olhar de perto o lugar no qual esse corpo se insere, a data que ele marca, enfim, estabelecer os limites que fazem com que ele apareça ali naquele momento, naquele lugar e não em outro” (MILANEZ, 2009, p. 215). Serão essas inscrições e discursos materializados nas imagens dos vídeos, que serão observadas, descritas e analisadas.

Pensando com Foucault (1985), podemos problematizar as possíveis estratégias, ferramentas e dispositivos que dão controle e controlam o corpo. São justamente estes procedimentos legitimados por discursos de poder sobre o corpo que verificamos nas estratégias discursivas do audiovisual e na disposição ritualística dos corpos materializando uma faceta da política para os corpos e de vida.



POLÍTICAS DE VIDA: UMA INTERDIÇÃO À MORTE

Nas equações propostas por Foucault e nos trabalhos articulados que versam sobre políticas de vida, encontraremos uma gama de facetas nas quais podemos abordar essa noção de políticas de vida ou biopolítica. Aqui tomaremos, em especial, o caminho entrelaçado com a necessidade do discurso de sobrevivência dos corpos para acionar essa noção nas imagens da prática de automutilação em vídeos da internet. Para ambientar essa noção, tomaremos segundo Foucault (1988) as políticas de vida deixam de lado a potência pela morte e passam ser recobertas por uma administração dos corpos e pela gestão calculista da vida. Ainda demarcando esse lugar teórico teremos:

As disciplinas do corpo apontam para o desenvolvimento da organização do poder sobre a vida. As tecnologias voltadas para o desempenho do corpo e que encara os processos da vida caracterizam um poder cuja função mais elevada já não é mais matar, mas investir sobre a vida. (FOUCAULT, 1988, p. 131)

Compreenderemos, que os cortes no corpo ocupam um lugar para vida, os sujeitos que se cortam são apresentados como porta voz de um discurso para a política de vida, e que não se deve levar o corpo à morte.

Para que seja possível essa análise, abrimos uma ressalva para delimitar nosso campo metodológico que responde a questão de como podemos olhar o *corpus* para análise. Ao olhar os vídeos metodologicamente, estaremos atentos as regularidades discursivas que são expostas. Quais discursos estão se repetindo na materialidade imagética? Como as materialidades evidenciam o jogo de continuidades e deslocamentos do corpo em discurso? Logo, tomamos como ferramenta analítica para delimitar os vídeos a regularidade e a verificação da repetição. Assim, “reivindicar um domínio que as especifique no espaço e uma continuidade que as individualize no tempo; segundo que leis elas se formam; sobre o pano de fundo de que acontecimentos discursivos elas se recortam”



(FOUCAULT, 2008, p. 29). De maneira geral, faremos as análises de cada extrato de vídeo, realizando o batimento entre eles.

Nestes três fotogramas apresentados podemos observar como o corpo é tomado num lugar de destaque nos vídeos. Há uma exaltação e ostentação das partes cortadas e filmadas do corpo produzidas pelo enquadramento em plano detalhe dos corpos e das automutilações. O enquadramento da câmera foca nas partes automutiladas do corpo destacadas como se fosse um *zoom* sobre o corpo, uma espécie de lente de aumento que nos indica a relevância do discurso sobre o corpo. O olhar de quem vê, é dirigido e controlado, por meio da câmera fixa e do movimento do corpo do sujeito, o close da câmera sobre o lugar dos cortes no corpo, leva a uma fixação do nosso olhar para o ato da automutilação, determinando o que devemos olhar.

Só vemos e assistimos aquilo que nos é permitido pelos recursos operacionalizados nos vídeos e que nos é dado a partir da materialização produzida entre a imagem dos corpos e a disposição dos mesmos em relação à câmera.

Percebemos que há uma ordem que funciona por meio da tática da câmera e do enquadramento que nos induz a focar o olhar para o corte, o ato da automutilação, e é neste ato que se encontra o discurso enquanto política para o corpo.

Nestes fotogramas temos a mesma análise proposta nos anteriores, as mesmas regularidades são dispostas em todos os fotogramas expostos, porém, agora iremos dar um passo adiante. O plano detalhe e o close nos revelam que há uma regularidade na prática de cortar a si mesmo, na qual os cortes são calculados em sua intensidade e ritmo, produzindo uma superficialidade do corte dando garantia à vida e não deixando o corpo morrer, expondo uma ordem do discurso mobilizado.



Podemos complementar que a câmera frontal que fixa e foca o recorte do corpo, o espaço de incisão do corte, exaltando esse lugar/corte do corpo discursivo. Para Dubois (2004) a estrita frontalidade da câmera televisiva, onde no aspecto jornalístico, o olhar do telespectador se identifica e se confunde com a câmera, visando diretamente o objeto, apresenta um espaço de testemunho. Logo podemos pensar e analisar na prática da automutilação e no corpus em questão, um testemunho do corpo, ou melhor, de uma política de vida sobre o corpo. Um testemunho que evidencia uma interdição à morte.

A câmera fixa, junto com a ritualística dos cortes calculados e a disposição dos corpos no enquadramento, materializa sob o discurso do interdito, uma política de vida para o corpo, marcando uma ordem para o discurso da automutilação, Não morra! É interdito ao corpo a morte. Para Foucault (1999) a produção de discursos é controlada e organizada por procedimentos que funcionam para maquinar seus poderes. Dentre os procedimentos de exclusão, destacamos o da interdição,

A ORDEM DO CORTE: NÃO SE FINDA!

Por meio da análise exposta verificamos um dos modos de funcionamento discursivo da prática da automutilação no recorte de vídeos que circulam na internet, verificamos que a constituição do corpo e sua disposição estão atreladas a uma ordem que maquina e interdita o sujeito, temos a construção de um efeito de sentido nas imagens, que induz a uma suposta liberdade, onde o sujeito pode fazer tudo ao seu corpo, inclusive mutilá-lo, porém há uma interdição, proibindo levar o corpo à morte, assim, desmoronando o efeito de liberdade construído. Essa interdição é a engrenagem, a ferramenta que sustenta o discurso de uma política de vida, política essa que está associada à administração dos corpos e sua sobrevivência. É interessante ressaltar, a importância que as táticas de produção



do audiovisual são de estrita sensibilidade e primazia para compor as análises e pilares para a constituição do corpo posto em discurso.

Neste momento do artigo, indo de encontro à noção de um lugar privilegiado para costurar e findar as discussões, nos abrem para um vasto horizonte de questionamentos, novas perguntas que surgem ao olhar e analisar os vídeos. Aqui, neste trabalho foi privilegiada a análise de uma única noção de políticas de vida, mas que não se esgota por aí, até por que, este artigo é parte de um todo, de um projeto de pesquisa que está tomando forma e apontando para também para outros percursos teórico-analíticos, entretanto, sempre percorrendo a trajetória e as nuances do corpo e do discurso.

REFERÊNCIAS

- COURTINE, Jean-Jacques. **Decifrar o corpo: pensar com Foucault**. Trad. Francisco Morás. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- DUBOIS, P. **Cinema, vídeo, Godard**. Trad. Mateus Araújo Silva. São Paulo: Cosac Naify, 2004.
- FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso**. Tradução de Laura de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 6ª edição, 1998.
- _____. **História da sexualidade 1**. A vontade de saber. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- _____. **Arqueologia do saber**. Trad. bras. Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- _____. **Microfísica do Poder** (organização e tradução de Roberto Machado). Rio de Janeiro: Graal, 5ª edição, 1985.
- MILANEZ, Intericonicidade: funcionamento discursivo da memória das imagens. In: **Acta Scientiarum. Language and Culture**. Universidade Estadual de Maringá, v. 35, n. 4. Maringá: Eduem, 2013, p. 345-355.
- _____. Corpo cheiroso, corpo gostoso. Unidades corporais do sujeito no discurso. In: **Acta Scientiarum. Language and Culture**. Universidade Estadual de Maringá, v. 31, n. 2. Maringá: Eduem, 2009, p. 215-222.
- MILANEZ, Nilton; BARROS-CAIRO, Cecília; BRAZ, Analyz Pessoa. O dispositivo audiovisual percursos de uma construção teórico-analítica. In: FERNANDES



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

JÚNIOR, Antônio; SOUSA, Kátia Menezes de (Orgs.). **Dispositivos de poder em Foucault**: práticas e discursos da atualidade. Goiânia: Gráfica UFG, 2014.
REVEL, Judith. **Michel Foucault**: conceitos essenciais. Trad. Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez, Carlos Piovesani. São Carlos: Claraluz, 2005.